

Vieira da Silva Arpad Szenes ateliers



Apresentamos, no espaço do Cinzeiro 8, pela segunda vez, e de novo numa parceria feliz com a Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, uma exposição dedicada aos pintores de que esta Fundação guarda a memória.

Em 2008, através da longa série “Couple”, que Arpad Szenes desenvolveu ao longo dos anos de 1930 e 40, tivemos oportunidade de nos aproximarmos do núcleo de misteriosa energia para onde convergia ou de onde irradiava o amor que mutuamente unia os dois pintores. Na presente exposição, através de uma dupla abordagem fotográfica/documental (textos, fotografias) e plástica (pinturas e desenhos), teremos oportunidade de conhecer os lugares onde esse amor cresceu mas também onde se libertou das vicissitudes do quotidiano, dos sucessos ou insucessos de cada um, e se estabeleceu no patamar de uma imortalidade que só a grande arte permite alcançar.

Década a década, entre os anos de 1920 e o final da vida de cada um deles, entraremos nos sete espaços de trabalho que foram sucessivamente ocupados pelo casal. Em vários pontos de Paris, em Lisboa, no Rio de Janeiro e finalmente em Yèvre, seguir Vieira e Arpad é seguir o curso das suas vidas particulares mas também as suas vidas como artistas.

O clima particular de cada espaço não deixará nunca de se revelar indirectamente na grande obra que vão construindo, e o amor que continuam a cultivar também se mantém, tranquilo. Mas, se nos primeiros anos de trabalho conjunto e nos primeiros *ateliers*, Vieira e o marido partilhavam o mesmo espaço, constantemente se viam e mutuamente se representavam, a complexidade e aumento de volume dos trabalhos individuais vai progressivamente exigir deles mais esforço e atenção no estabelecimento de discursos artísticos próprios e autónomos, deixando-lhes menos disponibilidade para olharem e representarem os pormenores materiais e sentimentais dos espaços que os rodeiam e, mesmo, para continuarem a representar-se mutuamente trabalhando, conversando ou simplesmente descansando. São os momentos e significados desse percurso que a exposição ilumina e o texto da comissária da exposição e directora do Museu da Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, abaixo citado, explicita.

João Pinharanda

Ao longo de 55 anos de vida em comum, Vieira da Silva e Arpad Szenes ocuparam várias casas e *ateliers*, em Paris, Lisboa, Yèvre-le-Châtel ou Rio de Janeiro. As afinidades formais e conceptuais entre os vários espaços onde trabalharam e o universo plástico e vivencial dos pintores insinuam-se nesta exposição, onde se pretende também detectar a marca significativa dos sítios por onde passaram e trabalharam, a forma como sentiram o ambiente envolvente. Os *ateliers* são lugares de isolamento, de confrontos com silêncios criativos ou espaços de criação, de intensa produção. A intensidade de cada sítio, partilhado ou não, foi vivenciada por Maria Helena Vieira da Silva e por Arpad Szenes de maneira diferente, ao longo do tempo. O início de vida em comum forçou o casal a partilhar espaços de trabalho (Villa des Camélias, Boulevard Saint-Jacques em Paris e Alto de São Francisco em Lisboa). Sítios que foram tema ou cenário das suas pesquisas plásticas, se tornaram indissociáveis de muitas das obras dos pintores e nos remetem para a história das relações pictóricas do casal. São óbvias as influências mútuas, que resultaram num enriquecimento plástico pelo intercâmbio e partilha de gostos, ideias e opções, de intensa cumplicidade. As respectivas obras terão poucos denominadores comuns, o que não significa que sejam independentes e alheias uma da outra. A correspondência situa-se para lá do ponto de vista formal, residindo mais num entendimento comum da pintura, na atitude exigente e nas interrogações plásticas que cada um resolveu à sua maneira. Arpad Szenes era onze anos mais velho que Vieira da Silva, e mesmo sem pretensões de ensinamentos, Vieira escutava atentamente os comentários do marido sobre a sua pintura, pela profunda admiração que tinha por ele e pela sua obra. No entanto, a partilha do mesmo *atelier* nos primeiros anos de casados não terá sido uma boa experiência. Assim que lhes foi possível, separaram os locais de trabalho, com medo de se incomodarem mutuamente, e só mostravam os seus trabalhos um ao outro depois de acabados ou na fase final de execução. Os anos 50 permitiram a confirmação da separação de espaços de trabalho, criados de acordo com os desejos do casal e adequando-se aos seus desejos e necessidades (Rue de l'Abbé Carton), e representam outra fase de passagem à maturidade enquanto artistas, que os leva a outro tipo de arte onde já não se detêm a cristalizar o que os rodeia nem a retratar-se mutuamente.

A casa do Alto de São Francisco, junto à Praça das Amoreiras em Lisboa, é ainda hoje a casa de Vieira – património da Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva – e foi aí que morou e trabalhou sempre que voltava a Lisboa, acompanhada pelo marido e pintor Arpad Szenes. Por ali, o casal viveu a angústia de se ter tornado apátrida e despediu-se da Europa a caminho do Brasil. No Rio de Janeiro (Santa Tereza) Arpad dá aulas a jovens artistas, actividade que manterá no regresso a Paris e onde realiza inúmeros retratos de Vieira da Silva. Para Vieira da Silva, a estadia no Brasil foi particularmente dolorosa e a sua obra reflecte o desenraizamento, a saudade e a angústia da guerra. O regresso à Europa em 1947 não passa por Lisboa. É em Paris que se fixam, instalando-se de novo no Boulevard Saint-Jacques.

Mais tarde, nos anos cosmopolitas da consagração, Vieira e Arpad regressaram regularmente a Lisboa, sempre àquela pequena escala do Alto de São Francisco que os remetia para o despojamento e a essencialidade. Também a casa de campo adquirida e remodelada em 1960, em Yèvre-le-Châtel, teve especial importância na obra dos artistas. São inúmeras as obras de Vieira da Silva que remetem para a estrutura de madeira da casa e certos apontamentos de luz sugerem espaços monacais, de silêncio e contemplação, nalgumas das suas obras. A obra de Arpad alcança uma dimensão espiritual muito subtil; a exploração da atmosfera, a organização lumínica e rítmica regem as suas paisagens imaginadas, a sua pintura é várias vezes referida como silenciosa, evocativa e evasiva, o que se deve, em parte, ao retiro de Yèvre. (...)

Marina Bairrão Ruivo

Museu da Electricidade Sala do Cinzeiro 8 3 de Dez. de 2009 a 31 de Jan. de 2010 Terça a Domingo das 10h00 às 18h00 Entrada Livre

Av. Brasília, Central Tejo · 1300-598 Lisboa www.fundacao.edp.pt

